

DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS: AS MÍDIAS DIGITAIS NO EPICENTRO DO DEBATE¹

Marcelo Machado da Motta²
Mestre

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo:

O presente estudo tem por objetivo analisar o fenômeno das notícias falsas (*Fake News*), que embora estejam presentes na história da humanidade, têm se tornado, cada vez mais, motivo de preocupações de governos, empresas e sociedade. Nosso objetivo é contribuir para a elucidação e esclarecimentos de algumas questões a respeito do tema. Neste estudo, analisaremos e relacionaremos eventos e acontecimentos que demonstram como as mídias sociais potencializaram a propagação de desinformação e notícias falsas. Inicialmente, nossa metodologia partirá do pressuposto de diferenciar as *fake News* de desinformação que, embora semelhantes, se diferem em determinados aspectos. Realizaremos um breve registro histórico de suas características básicas e sua existência anterior às mídias sociais. Nosso propósito é destacar os efeitos nocivos à democracia e sociedade, além de apontar possíveis caminhos de combate, com a garantia da liberdade de expressão.

Palavra-chave: Fake News, Desinformação, Mídias Sociais

Abstract:

This study aims to analyze the phenomenon of false news (Fake News), which, although seen in the history of mankind, has increasingly become a reason for concern for governments, companies and society. Our objective is to contribute to the elucidation and clarification of some questions about the theme. In this study, we are going to analyze and relate events and happenings that demonstrate how social media leveraged the spread of disinformation and false news. Initially, our methodology will be based on the assumption of differentiating fake news from disinformation which, although similar, differ in certain aspects. We will make a brief historical record of its basic characteristics and its existence prior to social media. Our purpose is to highlight the harmful effects to democracy and society, in addition to pointing out possible ways of combat, with the guarantee of expression. freedom.

Keyword: Fake News, Disinformation, Social Media

1 Introdução:

A circulação de notícias falsas (*fake News*), através da internet, tem sido motivo de debates e preocupação, em todo mundo. Governos, Universidades, empresas de mídia,

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestre em Mídia e Cotidiano, pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

empresas farmacêuticas, indústria alimentícia e a sociedade em geral têm se debruçado sobre o fenômeno para entender melhor e “ressignificar” o papel das mídias sociais (*Facebook, Twitter, Intstagram*, etc), dentro desse complexo contexto. A eleição de Donald Trump, em 2016, a saída do Reino Unido da União Europeia, através do *Brexit*, em 2018, e a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República são fenômenos recentes que demonstram o papel das mídias sociais e a quebra da hegemonia dos tradicionais veículos de comunicação de massa, no contexto informativo da sociedade moderna.

O amplo debate travado, atualmente, sobre a responsabilidade das plataformas digitais, no contexto de distribuição e propagação de *fake News* e desinformação tem gerado desconforto social sobre as seguintes questões: de quem é a responsabilidade sobre os conteúdos veiculados das plataformas de mídias sociais?; É do usuário ou da empresa?; Qual o papel dessas empresas no controle dos conteúdos divulgados?; Como controlar as informações veiculadas sem interferir na liberdade de expressão e não contribuir para a censura?

Todos os questionamentos têm sido feitos, à exaustão, nos mais variados meios e nas esferas pública e privada. Contudo, diante de tantas informações, existe uma certeza: as desinformações e *fake News* são divulgadas e chegam, na maioria das vezes, aos seus objetivos, ainda que desmentidas, levam a dúvida para a sociedade e promovem o desgaste social. Bauman (2016) destacou para o advento das mídias sociais e quanto os núcleos de “pensamentos semelhantes” se expandiam e ganhavam força. “Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes”³.

Dentro do aspecto geral da comunicação de massa, a divulgação de notícias falsas não é um fenômeno novo, são partes já conhecidas em episódios marcantes da história. O jornalista e sociólogo Perseu Abramo trouxe, em suas perspectivas, em pesquisas acerca da manipulação midiática, no final dos anos de 1980 e início de 1990, publicadas, em 2003, onde estabelece os padrões de manipulação adotados pela grande mídia tradicional. Segundo o autor, havia a manipulação da informação e o que a imprensa divulgava tinha relação com a realidade, mas nem sempre retratava a realidade dos fatos em si.

É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real à realidade apenas para apresentar outra realidade,

³ Entrevista ao jornal El País.

irreal, que é a contrafação da realidade real.. (Abramo, 2016, p.37).

O processo de desinformação também não surgiu com as mídias sociais, há relatos históricos de governos autoritários que se utilizaram de tal ferramenta para manipular e amedrontar seus cidadãos. Mas, afinal, o que é *Fake News* e Desinformação? A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) elaborou um manual com as definições, a fim de facilitar a compreensão e diferenciação dos termos.

2 O que é Fake News e Desinformação?

Embora haja muitas linhas de estudos acerca do tema, utilizaremos a definição da Unesco sobre *fake News* e Desinformação. Muitos confundem e associam os termos, mas eles são diferentes e entender suas características é fundamental para se combater tais práticas. Dentro desse aspecto, o papel do jornalismo como instrumento informativo social deveria ser uma espécie de filtro das informações, levando à sociedade a informação correta e devidamente checada. O papel social do jornalismo precisa ser entendido e praticado pelas empresas de mídia.

Evita-se admitir que o termo fake News (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido. Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro (que exprimem conceitos contrários) que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais. (Unesco, 2019, p.7)

O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, não apenas popularizou como banalizou o termo *fake News*, classificando como notícias falsas aquelas com as quais ele não concordava ou aquelas que mostravam pontos negativos do seu governo. Tal fato, trouxe dúvidas à sociedade acerca da seriedade do tema. Nesse caso, o chefe do Executivo norte-americano colocava em xeque a credibilidade dos veículos de comunicação e dos jornalistas. Isso se caracterizou como uma das principais estratégias políticas de Trump.

[...]o termo desinformação é comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas. Isso geralmente é combinado com estratégias de comunicação paralelas e cruzadas e um conjunto de outras táticas, como hackear ou comprometer pessoas. O termo “informação incorreta” frequentemente refere-se a informações enganosas criadas ou disseminadas sem intenção manipuladora ou maliciosa. Ambos são problemas para a sociedade, porém a desinformação é particularmente perigosa pois é frequentemente elaborada, com bons recursos, e acentuada pela tecnologia automatizada. (Unesco, 2019, p.7)

Mesmo havendo muitas semelhanças com *as fake News*, a desinformação possui características específicas que as difere. A desinformação tem um objetivo definido em sua prática, ela é disseminada com o intuito de causar e manipular seus interlocutores e se utiliza dos meios sociais para sua ampla disseminação, ou seja, a desinformação costuma circular desprendida de um veículo oficial, é disseminada através dos grupos de aplicativos de mensagens (*whatsapp, Telegram, etc*) e compartilhada nos perfis pessoais das mídias sociais (*Facebook, Twitter, Instagram, etc*), ou seja, de pessoa para pessoa. Renard (2007) tratou do fenômeno do boato, algo também semelhante à desinformação, onde classificou ser tão antigo, quanto a palavra humana. As desinformações se utilizam de elementos semelhantes, onde não há a definição clara da origem do suposto fato narrado, são apanhados de informações organizadas tendenciosas de forma sensacionalista.

Quando um ou outro amigo nos pergunta “tu sabes da última?” ficamos curiosos pela novidade, que parece ser interessante e que passa a ser retransmitida por nós. Nosso primeiro impulso é acreditar na informação; primeiro, porque confiamos em nosso amigo, evidentemente; mas, também, porque, de modo geral, é materialmente impossível, na vida cotidiana, checar todas as informações que recebemos. Trata-se, de alguma forma, de uma confiança social obrigatória, sem a qual mergulharíamos em uma paranoia e em uma suspeita sistemática. (Bernard 2007, p.1)

Bakhtin (2020) classifica o indivíduo ouvinte/interlocutor como parte determinante da formação discursiva, onde há toda ação responsiva, diante do enunciado, ou seja, o falante se utiliza de elementos para tornar *inteligível* a sua fala, sua mensagem. A formação do discurso tem por objetivo obter uma resposta, uma interação. Ao trazer a discussão para o campo da disseminação de desinformação, observamos a tentativa de manipulação da compreensão do interlocutor. A sua “fala” está carregada de elementos que buscam o estímulo persuasivo. “O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno do discurso do falante” (p. 272). O autor, nesse caso, chama a atenção para o esforço em fazer parecer que o discurso é verdadeiro, demonstrando uma série de elementos que comprovariam a verdade dos fatos narrados. “Muito amiúde, o falante (ou quem escreve) coloca questões no âmbito do seu enunciado, responde a elas mesmas, faz objeções a si mesmo e refuta suas próprias objeções, etc. Mas esses fenômenos não passam de representação convencional da comunicação discursiva nos gêneros primários do discurso” (p.276). Nesse aspecto, compreendemos que o processo de comunicação social, seja por veículos informativos ou, propriamente, a comunicação direta entre dois indivíduos, está carregado de signos e de repertório cultural absorvidos no cotidiano dos envolvidos. Um discurso carrega consigo ecos de outros discursos (escritos

ou falados). Trazer essa discussão para contexto da desinformação é, portanto, tentar compreender como um conteúdo se propaga com facilidade entre os sujeitos falantes e se potencializa por meios conectivos telemáticos. A grande difusão e utilização das mídias sociais facilitam o contato e aproximação de pessoas, facilitando o compartilhamento de informações (verdadeiras ou falsas).

Debord (2013) ao tratar da temática da desinformação traz à luz sobre o tema como estratégia de autoridade, onde se manipula a verdade para produzir a desinformação. O autor analisa sua utilização pelos poderes, como forma de contraofensivas para manutenção do domínio e monopólio discursivo.

Este conceito é sempre abertamente utilizado por um poder, ou por pessoas que detêm um fragmento de autoridade econômica ou política, para manter o que está estabelecido; e atribuem sempre a esta utilização uma função contraofensiva. O que consegue se opor a uma única verdade oficial deve ser forçosamente uma desinformação emanando de forças hostis, ou no mínimo rivais, que já vem deliberadamente falseada pela malevolência. A desinformação não seria a simples negação de um fato que convém as autoridades, ou a simples afirmação de um fato que não lhes convém: isso se chama psicose. Ao contrário da pura mentira, a desinformação, e é nisto que o conceito é interessante para os defensores da sociedade dominante, deve fatalmente conter uma certa parte de verdade, mas deliberadamente manipulada por um hábil inimigo. (Debord 2013, p.201, 202)

2.1 O risco das fake News nas Mídias Sociais

No dia 3 de maio de 2014, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, foi espancada por moradores do bairro de Morrinhos, no município do Guarujá, litoral de São Paulo. Dois dias após as agressões, ela morreu no hospital. O motivo do crime, uma página do *Facebook* intitulada ‘Guarujá Alerta’ espalhou a falsa notícia de que havia uma suposta mulher sequestrando crianças para serem sacrificadas em rituais, na região. Fabiane, inocente, foi confundida com um retrato falado publicado e compartilhado na rede. Na época, não havia nenhuma denúncia semelhante nas delegacias da região e nenhuma criança havia sido sequestrada, tudo não passava de uma notícia falsa, compartilhada nas mídias sociais. A fotografia do suposto retrato falado era de um inquérito policial aberto em uma delegacia, no estado do Rio de Janeiro, do ano de 2012, que tratava de outro crime. O compartilhamento de notícias falsas, nas mídias sociais, pode ocasionar tragédias, como no caso de Fabiane Maria de Jesus. Contudo, a mídia tradicional também já cometeu erros e

foram responsáveis por tragédias semelhantes, conforme abordados em diversos livros e artigos, dentre os mais famosos, o Caso Escola Base⁴.

Figura 1



MENU G1 SANTOS E REGIÃO TV TRIBUNA

05/05/2014 09h44 - Atualizado em 05/05/2014 10h13

Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP

Ela foi agredida após ser acusada de praticar magia negra com crianças. Moradores registraram vídeos mostrando a agressão e postaram na web.

Mariane Rossi
Do G1 Santos

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



A dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, morreu na manhã desta segunda-feira (5), dois dias após ter sido **espancada por dezenas de moradores** de Guarujá, no litoral de São Paulo. Segundo a família, ela foi agredida a partir de **um boato gerado por uma página em uma rede social** que afirmava que a dona de casa sequestrava crianças para utilizá-las em rituais de magia negra.

De acordo com familiares de Fabiane, após as agressões, ela sofreu traumatismo craniano e foi internada em estado crítico no Hospital Santo Amaro, também em **Guarujá**.

Publicação do portal de notícias G1. De 05 de maio de 2014.

Para além da morte física, ocasionada pela irresponsável publicação, em mídia social, o caso também é o exemplo do compartilhamento de fatos e acontecimentos, em tempo real, uma espécie de execração pública midiática, proporcionado pelas novas tecnologias midiáticas, ao alcance da população, até então, não produtora de informações, vista como consumidora de notícias. Behs (2017) aponta para a percepção de que a morte da inocente dona de casa ter se transformado em um fato noticioso compartilhado por não profissionais da comunicação. “O ponto de partida de nossa percepção é que a morte de

4 Caso Escola Base

Escola Base foi uma escola particular localizada no bairro da Aclimação, no município de São Paulo. Em março de 1994, seus proprietários e motorista foram, injustamente, acusados de abuso sexual contra alguns alunos da educação infantil. As acusações e a cobertura da imprensa, na época, geraram revolta da opinião pública e a escola teve que encerrar suas atividades. (Ribeiro, 1995)

Fabiane foi capturada midiaticamente por receptores convertidos em coprodutores midiáticos” (p.2). A capacidade reativa dos interlocutores faz parte do processo de formação do discurso, esse por si, como supramencionado é carregado de sentidos. Debord (2013), ao discutir a Sociedade do Espetáculo, traz uma reflexão acerca do uso e manipulação da imagem para onde se é possível “justapor sem contradição qualquer coisa” (p.188). O estímulo ao medo coletivo associado pânico satânico⁵ (*Satanic Panic*), aliados à *fake News* excedeu no cometimento coletivo de um crime bárbaro.

O fluxo de imagens carrega tudo; outra pessoa comanda ao seu bel prazer esse resumo simplificado do mundo sensível, escolhe aonde irá esse fluxo e também o ritmo do que deve aí manifestar-se, como perpétua surpresa arbitrária que não deixa nenhum tempo para reflexão, tudo isso independente do que o espectador possa entender ou pensar. Nessa experiência concreta da submissão permanente encontra-se a raiz psicológica da adesão tão unânime ao que aí está; ela reconhece nisso, ipso facto, um valor suficiente. O discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências. (Debord, 2013, p.188)

As consequências das práticas de compartilhamento de informações ainda é um fenômeno a ser discutido amplamente na sociedade. A ampliação do acesso à internet e, conseqüentemente, às mídias sociais por significativa camada da sociedade proporciona a facilidade de disseminação de notícias falsas (*fake News*). A internet amplificou a capacidade coletiva de propagação de conteúdos verdadeiros e falsos.

2.2 As faces da desinformação

O jornalismo tradicional tem, na apuração dos fatos e na checagem das informações, seus pilares de credibilidade. Por anos, a sociedade creditou a veracidade dos acontecimentos a sua veiculação na mídia tradicional, através dos programas jornalísticos e publicações impressas. Tal fato trazia certa segurança de que algo seria verdade, pois estava noticiado nos veículos de imprensa. Contudo, o jornalismo tradicional também já cometeu os deslizes, às vezes propositais, que culminaram com a divulgação de *fake News* e desinformação. Todavia, representantes das autoridades civis também conduziram veículos de informação a processos desinformativos. Cabe-nos uma pequena ressalva acerca de ser

⁵ Pânico Satânico (*Satanic Panic*)

Inúmeras histórias sobre abusos sexuais e outros crimes contra crianças em supostos “rituais” marcaram os Estados Unidos e o Canadá durante a década de 1980. Geralmente, as narrativas eram bem parecidas: havia uma seita satânica em ação em uma pequena cidade do interior. fato é que nenhum desses eventos nunca foi comprovado. Na época, o agente especial do FBI, Kenneth V. Lanning, ganhou notoriedade ao questionar a veracidade dessas histórias. Em janeiro de 1992, ele finalizou um relatório sobre as suas investigações, intitulado “O Guia do Investigador para Alegações de Abuso ‘Ritual’ em Crianças”. Fonte: <http://www.projetohumanos.com.br/wiki/extras-episodio-36/>

conduzido ao erro jornalístico por autoridades governamentais. O papel do jornalismo é a checagem dos fatos, seja de onde partir a informação. No entanto, em alguns aspectos, há interesses corporativos que vão além do trabalho jornalístico e partem para a manipulação estratégica, como uma espécie de manipulação da verdade, como descreveu Debord (2013).

Nas análises do jornalista e sociólogo Perseu Abramo (2016), a mídia brasileira, no final dos anos 1980 oferecia ao público um retrato de parte da realidade, “[...] a sociedade é cotidiana e sistematicamente colocada diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real” (p.38). Porém, o autor faz uma ressalva que nem todo material e conteúdo produzidos pela imprensa são manipulados e elencou suas características. Não nos aprofundaremos nos chamados padrões de manipulação midiática, mas vamos nos ater a um deles, a ocultação. A referência nos traz a reflexão: a presença do jornalismo nos veículos tradicionais de imprensa deixaria a sociedade imune à desinformação?

Padrão de ocultação – É o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. Não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem mesmo de mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade. Esse é um padrão que opera nos antecedentes, nas preliminares da busca da informação. Isto é, no “momento” das decisões de planejamento da edição, da programação ou da matéria particular daquilo que na imprensa geralmente se chama de pauta. (Abramo 2016, p.40)

O processo de construção da narrativa midiática também se utiliza de meios para informar ou não determinados assuntos de seu interesse. Por exemplo, em 11 de setembro de 2001, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) decidiu por não fazer a cobertura jornalística dos atentados às torres gêmeas *World Trade Center*, em Nova York, nos Estados Unidos, em tempo real. A emissora optou por não suspender sua programação matinal para a cobertura, em tempo real do caso, conforme as outras emissoras de tv do país. As linhas editoriais de cada veículo de mídia ficam evidentes, de acordo com as características das suas narrativas. Ao trazermos o debate para mídias sociais, observamos a quebra hegemônica da detenção exclusiva da narrativa dos fatos, temos a atuação do interlocutor não apenas opinando, nos espaços exclusivos, mas o conteúdo pode ser compartilhado, criticado e manipulado. A desinformação, muitas vezes, se utiliza de acontecimentos verdadeiros do passado, sendo trazidos e redistribuídos como um acontecimento recente. A permanência e a facilidade de acesso aos *links* de notícias antigas

proporcionam essa possibilidade. A não cobertura por veículos tradicionais de comunicação não é mais um impedimento para que um acontecimento seja transmitido.

Figura 2



Portal da revista Exame, publicado em 20 de abril de 2016

Em 16 de março de 2016, o então juiz responsável pela operação Lava-jato, Sérgio Moro, divulgou as interceptações telefônicas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com a presidente Dilma Rousseff. As informações trouxeram a percepção da opinião pública de que o ex-presidente estava articulando a ida para o Ministério da Casa Civil a fim de impedir avanços da Operação Lava-jato. No diálogo, Dilma Rousseff afirmava que encaminharia o termo de posse, mas que Lula só usasse, em caso de necessidade.

A notícia caiu como uma bomba em Brasília, além de fomentar diversos protestos pelo país. Em 8 de setembro de 2019, o jornal Folha de São Paulo, em parceria com o site *The Intercept* Brasil publicou a matéria afirmando que o ex-juiz Sérgio Moro havia feito 22 gravações telefônicas, após o período autorizado pela justiça. A reportagem ainda revelou que o conteúdo das ligações interceptadas nada tinha a ver com a nomeação do ex-presidente Lula e sim com a articulação política para tentar conter o processo de impeachment.

Figura 3



A reportagem teve acesso a anotações dos agentes que monitoraram Lula, [com resumos de 22 conversas grampeadas após a interrupção da escuta em março de 2016](#). Elas foram gravadas porque as operadoras de telefonia demoraram a cumprir a ordem de Moro e o sistema usado pela PF continuou captando as ligações.

Os diálogos, que incluem conversas de Lula com políticos, sindicalistas e o então vice-presidente Michel Temer (MDB), revelam que o petista disse a diferentes interlocutores naquele dia que relutou em aceitar o convite de Dilma para ser ministro e só o aceitou após sofrer pressões de aliados.

O ex-presidente só mencionou as investigações em curso uma vez, para orientar um dos seus advogados a dizer aos jornalistas que o procurassem que o único efeito da nomeação seria mudar seu caso de jurisdição, graças à [garantia de foro especial para ministros no Supremo](#).

Publicação no site do jornal Folha de São Paulo, 8 de setembro de 2019

Cabe ressaltar, novamente, esse trecho específico do autor Guy Debord (2013) para analisarmos o fato citado sobre desinformação como estratégia de poder. “Este conceito é sempre abertamente utilizado por um poder, ou por pessoas que detêm um fragmento de autoridade econômica ou política, para manter o que está estabelecido”. (p.201)

3 Considerações finais

O processo informativo por meio das plataformas digitais, seja por mídia social ou através de veículos tradicionais de mídias, estão sujeitos às armadilhas das *fake News* ou processos de desinformação. A dinâmica da rede mundial de computadores traz a necessidade, muitas vezes, da velocidade das publicações, ou seja, o famoso furo jornalístico também compete com sujeitos não profissionais da comunicação social. Todavia, o processo jornalístico precisa, mais do que nunca, estar em consonância com os fatos, uma vez que, diante de um volume maior de informações e compartilhamentos, torna-se crucial o papel do jornalista como garantidor do direito social ao conteúdo informativo verídico. Atualmente, o surgimento de agências especializadas em checagens de fatos se fez necessário, diante do elevado volume de circulação informativa e meios de difusão de informações. Nossa análise buscou contribuir para ampliação do debate sobre a liberdade de expressão frente ao grande volume de conteúdo e o grande volume de desinformação presentes na rede, em especial, nas mídias sociais. Nossa contribuição busca aprimorar o assunto para fomentar maneiras de garantir a segurança das informações e a veracidade das notícias sem o risco da censura. Cada vez mais, fica evidente a necessidade de uma

discussão ampla com a sociedade a respeito do papel de cada um e a responsabilidade pelo que se compartilha, através de meios digitais de comunicação e informação.

Referências

ABRAMO, P. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: Fundação Perseu

Abramo, 2003. _____. Padrões de manipulação na grande imprensa. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. Estética da criação verbal / tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes Ed. 2020

BAUMAN; Zygmunt; El País/Brasil Entrevista – 09/01/2016 Disponível em :http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 17/06/2021

BEHS, Mícael Vier. Disrupções e regulações em circuitos e circulações difusas: a construção do caso sobre o boato da bruxa de Guarujá. Universidade do Vale do Rio Sinos. 2017.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013 [1997].

Exame. exame.com. 20/04/2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pf-libera-conversa-de-telefone-entre-lula-e-dilma/>

Folha de São Paulo. Folha.uol.com.br. 08/09/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/conversas-de-lula-mantidas-sob-sigilo-pela-lava-jato-enfraquecem-tese-de-moro.shtml>. Acesso em: 19/06/2021.

G1, g1.globo.com. 16/03/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>. Acesso em:19/06/2021

_____. 05/05/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espantada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>

Projeto Humanos. Disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/wiki/extras-episodio-36/>

RENARD, J.-B. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 32, 2007

RIBEIRO, Alex. Caso escola base. Os abusos da imprensa. São Paulo: Ática, 1995

UNESCO, Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo. 2018. Disponível em:<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 18/06/2021